

Um conto  
POR DIA

## UM GUERREIRO, UMA CIDADE

Por VITOR SILVA TAVARES

Cheguei a Benguela num jipe desconjuntado. De certo modo, toda a minha vida tem sido um jipe desconjuntado. Mas esta é uma observação marginal.

Dei comigo numa enorme sala branca e sem móveis e excessivamente luminosa, uma sala como eu, que sou vazio e excessivamente luminoso, passe o que pode parecer inoportunidade. Os lugares acabam sempre por se identificar com as pessoas e as pessoas com os lugares, a própria ciência o diz.

A cidade apresentou-se-me plana e monocórdica. Uma vista de olhos — e estava toda vista. Por isso entrou por mim dentro um tédio que só um adjetivo poderá classificar convenientemente: rançoso.

Os primeiros dias gastei-os

numa tentativa (adivinhada, infrutífera) de conformação. A cidade, como todas as cidades, tinha duas faces. Uma preta, com mosquitos; a outra branca, com acácias rubras. Havia também um mar quente e um quotidiano cheiro de peixe decomposto.

A descrição será amarga. Mais amargos foram aqueles dias. Eu explodia de luz e suor e fedor de peixe. Aquela era uma cidade onde jamais se passaria alguma coisa.

Não estava só, lá isso não. Eu e o meu amigo percorriamos as ruas de Benguela, de noite e de dia, falando sempre de outras cidades longínquas e frias. Suspirávamos por um pouco de frio. De boa vontade trocáramos o nosso ninho de lama, a solidão impenetrável, por uma manilha de neblina.

O nosso reino: livros de poemas, discos de jazz, revistas estrangeiras, cigarros de filtro, copos de whisky, banhos no mar, chuva, muitos sonhos, algumas esperanças. Bebíamos laranjadas na esplanada, víamos no cinema outras terras e outras gentes. Aquela cidade não era a minha, nenhuma cidade é a minha, eu sou sempre de outra cidade. Tinha-me envolvido numa aventura. Os dias passavam e, sem dúvida, a aventura falharia. O meu amigo partiu para a tropa e eu vi-me engalado numas nove metros quadrados de bocetos, horários, chefes, papéis selados. Lá fora as acácias rubras nem buliam.

Ganhei um ritmo. E sempre assim, ganhámos um ritmo. A cidade era inconfundível mas estranha. Pode dizer-se que descobri um Far-West: caçadas, correrias pelo mato, marxismo do oco, foforeio. Cresciam raízes no meu corpo.

Um dia aborreci-me. Fui então trabalhar para um jornal. Era assim um jornal pequeno, mas com uns resquícios de intransigência. O director era republicano e estava velho, havia na redacção uma moça de olhos azuis. Gostei de trabalhar nesse jornal, era um jornal pequeno, mas bulioso. Levai a coisa a sério, numa ansia de quebrar a solidão. Mas eu sou um estrangeiro

onde quer que me encontre. As raízes eram falsas. Certo dia recebi um telefonema. O meu amigo morrera lá longe, numa cidade do Norte, sem heroísmo. Nesse dia não o chodeti. Fui tomar banho a um de praia de águas frias e tranquilas. Depois é que foi o diabo. Eu gostava do meu amigo, ele era um tipo bárbaro e puro como um cavalo de raça. Não, não queria acreditar que ele estivesse mesmo morto. Não, não queria.

Marimbondos fizeram ninho no meu quarto de hotel. Toda a gente me dizia que os marimbondos ferravam picadas extremamente dolorosas. Eu ficava-me a vê-los rabiscar no espaço, a entrar e a sair nos ninhos de lama. A solidão impenetrável, eu aborrecia-me dos livros e dos discos, lá só me interessava por coisas pueris como os marimbondos ou um certo pó-de-sol no tempo de cacimbo, coisa digna de gravura japonesa.

A cidade apelava para o

impostor. Fui guerreiro de não sei quantas causas que não eram as minhas. Mais do que o quibostismo, animava-me um desespero de criar algo, ou lutar contra algo, ou provar que existia. Mas só se me reconhecia a face de guerreiro. Ah! ele é isso? Então cá vai! Guerreel, guerreel, guerreel.

Cansado, muito cansado. Cansado e vazio e só. Os dias escorriam leitosamente. Nenhuma esperança me habitava. O meu quarto de hotel é que sabe. Lágrimas, sonhos, saudades, desejos — todas as minhas fraquezas têm ficado por quartos de hotel. Tenho escurado nas paredes ruínas de quartos de hotel a minha raiva, a minha impotência, a minha humanidade. Tenho feito dos quartos de hotel um misto de cela, de prisão, de jaula. Aquela não fugiu à regra.

Não, nunca posso manter um traseira por muito tempo. O prazer é o mesmo, o meu rosto verdadeiro. Fiz as malas e embeguei num grande pacote, mar fora, rumo ao rio.

A REDESCOBERTA  
DE FITZGERALD

(Continuação das págs. centrais)

na Carolina do Norte. Mas, ao cabo de dois meses, não podendo já suportar a situação, apressou-se a ir buscá-la. Dias depois a Polícia encontrou-a em Central Park. Zeldá abriu uma sepultura para enterrar um fato do marido.

Zeldá voltou para o hospital e, daí em diante, apenas conheceu raros períodos de lucidez, saindo durante algumas vezes aparentemente curada, mas não tardando a mergulhar novamente na loucura.

O delírio começava igualmente para Scott. Cada vez tinha mais necessidade de dinheiro; para o tratamento de Zeldá, para a educação de Scott, para beber. Foi então que Arnold Gingrich lhe propôs escrever *A Raça*. Essa narrativa indispôs os críticos da época, que escreveram: «A degradação junta o exibicionismo».

Outra mulher salvou-o do álcool. Chamava-se Sheila Graham e era figura temida de Hollywood. Gracias a ela e após uma luta encarniçada, Scott voltou a ser um homem normal e estava prestes a tornar-se no grande escritor que fora.

SÓ DOROTHY PARKER CONSENTIU EM VELA-LO NO SEU LEITO DE MORTE

QUANDO Sheila o conheceu, em 1937, Scott estava tão só que escrevia bilhetes a si mesmo. Quando morreu, em casa decaída, em Dezembro de 1940, os produtores de Hollywood disputavam-lhe a colaboração e encetara um novo romance, *O Último Nababo*. Tinha quarenta e três anos e deixava obras importantes como *Gatsby* e *Terra e Noite*. Além disso, escrevera mais de cento e sessenta contos.

Na morgue, de todos os amigos de outrora, só Dorothy Parker, também uma grande escritora, consentiu em velá-lo. Recusaram enterrá-lo em terreno cristão porque não vivera como bom católico. Mas, hoje, John O'Hara, um dos maiores romancistas americanos da actualidade, comenta:

— Descobrir o amor ou um livro de Scott é quase a mesma coisa. Um livro de Scott parece-se com uma rapariga.

REGISTO  
bibliográfico

(Continuação das págs. centrais)

Os textos foram extraídos com o acordo de Toinybe da volumosa obra «A Study of History» e incidem todos sobre o tema da guerra.

mas uma rapariga com a qual gostaríamos de passar toda a vida.

PHILIPPE ANDRIEU

## EXPOSIÇÕES

(Continuação das págs. centrais)

vel, e *Kallamans*, nas pequenas manchas de José Ribeiro, documenta-se com interesse. Luis de Moraes Carvalho com um retrato aceitável. Noel Perdigão e Nereida de Moraes procuram, respectivamente, em «Rua do Arco» e «Sertanistas» manter os seus créditos. Augusto Bertholo é outro artista em franca evolução.

Moroso uma referência especial Maria Fernanda Amado pelos evidentes progressos da sua pintura. Depois da exposição do Estoril, a ilustre artista descreve uma curva larga na evolução da sua técnica. Muito aproximada do expressionismo, a riqueza das suas tintas, de perturbadores efeitos, está claramente assinalada em *Estelites* e *Apoteose*. De muito valor as suas flores.

No pastel, Narciso de Moraes e Maria de Lurdes de Melo e Castro apresentam alguns trabalhos de apreço; os desenhos de José Ribeiro e de José Manuel Soares são de belo traço; a gravura de Domingos Rebelo não oferece novidade; as aguarelas de Joe e Augusto Bertholo revelam suaves tonalidades e as cerâmicas de José Ribeiro indicam as possibilidades do artista, particularmente no domínio do esmalte. Alvaro Mendes Alves, Maria José Pereira e Melo, Joe e César Augusto Abbot levaram ao certame algumas miniaturas.

ALFREDO MARQUES

UMA  
NOVIDADE  
PARA  
HOMEM

QUE  
MUITO  
INTERESSA  
A MULHER

MISTOS  
DE ORLON  
E L A

DURAM  
MAIS  
CUSTAM  
MENOS

NAO  
PRECISAM  
DE  
VINCADOS

O «DIÁRIO POPULAR»  
É TRANSPORTADO PARA  
TODO O MUNDO NOS  
AVIOES DA «P. A. A.»

## ARCO-IRIS

(Continuação das págs. centrais)

dos entrava no gabinete de João XXIII que, imediatamente, se lhe dirigiu:

— Oh! Jacqueline...

★

MARIO COSTA — estudioso, diligente — ao enviar-nos o seu recente opúsculo «Banco de Lisboa: o edifício dos Paços do Concelho: anuário-nos um volume sobre o Chiado. Aguardamos com a mais viva curiosidade. Se Lisboa é a capital de Portugal, o Chiado, embora já não seja o que era dantes, ainda é a capital de Lisboa. Há muito que o Chiado pedia um Fernão Lopes. Consequente.

★

ERTO inglês, querendo desfazer-se de um velho piano resolveu abandoná-lo, de noite, numa rua de Londres. E o piano ficou ao dispor dos transeantes que não resistem, ao passar, a correr os dedos pelas teclas. Os moradores da rua já formularam as suas queixas ante o constante barulho musical, mas a polícia sorri. Calculam agora que, em vez de um piano, o extravagante inglês tinha atirado para a rua um trombone!

LIVROS  
escolhidos

(Continuação das págs. centrais)

se movimentam — é cientista, é poeta, é Homem (talvez o mais difícil ainda), é político, é doutor pela Faculdade de Filosofia de Coimbra, depois de ter feito os cursos de Direito e de Filosofia Natural.

Quando vem a Portugal, pois nasceu na cidade de Santos no dia de Santo António de 1763, é para cursar em Coimbra e logo ser recebido na Academia Real das Ciências pela mão do seu fundador, o duque de Lafões. E é este mecenas que lhe proporciona o viajar pela Europa durante dez anos, de 1790 a 1800.

De forma que esta edição, agora vinda a lume, é uma contribuição valiosa para marcar a passagem do centário de um homem para quem não há adjetivos biográficos que sirvam naturalmente. Viajou pela Bélgica, Alemanha, Holanda, Hungria, etc.; fez parte do Batalhão Académico, que combateu as hostes de Napoleão, invasor de Portugal; foi intendente da Polícia da cidade do Porto; secretário perpétuo da Academia das Ciências; autor de numerosos e interessantes trabalhos acerca da pesca da baleia e da indústria de extracção do azeite no Brasil; descobriu dez novos minerais na Escandinávia e é convidado para intendente-geral das Minas do Noruega; professor de Mineralogia da Universidade de Coimbra e intendente-geral das Minas do Reino, o seu último cargo em Portugal é superintendente do serviço de obras do rio Mondego!

No trabalho que o sr. Boehrer em boa hora nos trouxe surge este judicioso comentário: «José Bonifácio revela-nos uma mentalidade que absorvera o pensamento e as lições do passado e da sua própria geração e que, logo no início do período da independência luso-americana, escolheu uma solução justa e razoável para um problema que ainda hoje pesa na consciência das nações americanas».

O autor realça a preocupação de José Bonifácio com a aculturação dos aborígenes brasileiros, a sua incorporação na comunidade europeia. Como devia ser realizada? Quais as bases? Eis o trabalho que José Bonifácio expõe nos *Apontamentos para a Civilização dos Índios*. E então

RELÓGIOS  
OURO — PRATAS  
JÓIAS

Não compre sem ver os preços e sortido da

OURIV. BARATEIRO  
DE S. DOMINGOS

56 Rua Barros Queirós 76

beba  
BOACEPA  
VINHOS DE ORIGEM

que caem noiras de grande estadista, de humanista, talvez o primeiro humanista brasileiro de porte universal, quando José Bonifácio, em outro estado de primeira grandeza ataca a escravatura — que infelizmente tantos anos havia de durar numa sociedade livre. Trata-se de um documento notabilíssimo e se intitula *Representação à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a Escravatura*.

José Bonifácio escreve: «sem novas providências e estabelecimentos fundados em justiça e política, nunca poderemos alcançar a civilização e o progresso dos nossos índios bravos. E preciso, pois, imitar e aperfeiçoar os métodos que usaram os jesuítas. Eles por meio da educação e benefícios aldearam infinita de índios bravos, e o que mais é, até os governadores de Goiás, imitando-os, fizeram nossos amigos, docis e persuadidos. E se viessem viver debaixo das Santas Leis do Evangelho, José Bonifácio, como muitos historiadores, queriam dar a *História da Companhia de Jesus no Brasil*, de mestre Serafim Leite, e as obras do professor C. R. Boxer — defende a política de aldeamento nos modos e costumes dos jesuítas. E de facto aos jesuítas devemos grande êxito na obra portuguesa pelos cantos do mundo: eles foram os portadores de cultura que nós pretendíamos transmitir ao gentio.

Não me recorde de qualquer ensaio que faça uma análise crítica aos poemas de José Bonifácio. Mereciam um estudo da categoria do sr. Boehrer. Seria interessante ver ali que ponto a Revolução Francesa teve na obra de este homem que foi amigo de Alexandre Von Humboldt. Qual o domínio que o Romantismo exerceu no seu espírito? Basta recordar a frase de Joaquim Manuel de Macedo, ao mencionar as *Poesias Avulsas*, como sendo tesouro precioso da Literatura Brasileira.

Seria interessante que o sr. Boehrer nos oferecesse agora uma edição crítica da obra de José Bonifácio sobre a escravatura. O cuidado com que analisa estes *Apontamentos*, a seriedade das notas, o interesse da sua apresentação, tornaram o autor digno de continuar a publicação da obra do *Salvador do Brasil*, no dizer do visconde de Cairu, o homem que os ilustres descendentes legou ao património público do seu país. Os Andrades, José Bonifácio, Martim Francisco, António Carlos, reportam-se à Independência, são sinónimos de cultura, e recordam ao leitor a vida de uma das famílias mais apaixonantes que andou viajando no intercâmbio luso-brasileiro, e que pelo seu valor individual, coragem cívica, científica e humana se aproxima muito de perto das grandes famílias da Renascença.

Quando D. Pedro I abdicou do trono do Brasil chama José Bonifácio para tutor do seu filho. Então ao grande Andradinha se refere nestas palavras: «mulho, probo, honrado e patriótico cidadão».

RUBEN ANDRESEN LEITAO



COLABRANCA  
CINNE  
A GRANDE MARCA NACIONAL

## CASA TRICOLÁ

FABRICANTES

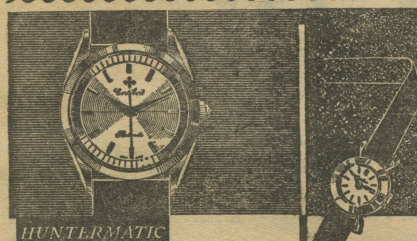
A MAIOR COLECCÃO DE PORTUGAL  
EM FIOS PARA TRICOT

• LAS ESTRANGEIRAS desde 80\$00 o quilo

• LAS DE FANTASIA desde 120\$00 o quilo

AV. ALMIRANTE REIS, 4-1.º FRENTE  
LISBOA-1

(Peçam amostras — Enviamos encomendas à cobrança)



Cortébert

O RELÓGIO QUE TODO  
O MUNDO PREFERE

PARA PROTEGER A VELHICE  
HYPERSEX

COMPLEXO HORMONAL HIPOTÁLICO

Regulamenta o funcionamento cerebral atenuando a idade senil, etc.

Propaganda gratuita da FAL - Apartado 2142 - LISBOA